



RENAMO: veio de longe para a respeitabilidade política

Diabo 11/12/90 A RENAMO VAI ESTAR EM MAPUTO

■ «Vai ser mesmo um ano feliz» — prevê o Bispo da Beira, referindo-se ao próximo ano, na sequência do Acordo de Roma

DENTRO de poucos dias, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) terá entrado em Maputo, sem ser clandestina, nem por via de novos actos de terrorismo. Entrará não por ter ganho já a guerra civil, mas só por ter ganho mais uma vitória na luta que há cerca de dez anos a opõe à Frente de Libertação de Moçambique (ou FRELIMO), ainda hoje o único partido que, teoricamente, comanda a existência da antiga África Oriental Portuguesa.

Essa vitória, incruenta e pacificadora, foi ganha longe dos matos de Moçambique. Foi ganha em Roma, na Comunidade de Santo Egidio, quando representantes das duas partes em luta — respectivamente Armando Guebuza, ministro dos Transportes e Comunicações do Governo de Maputo, e Raul Manuel Domingues, chefe do Departamento das Relações Públicas da RENAMO, e igualmente perante os mediadores oficiais, o senador Mário Rafaelli, representante do Governo italiano, o rev. D. Mateo, prior da Comunidade, e Mons. Jaime Gonçalves, bispo da Beira — firmaram finalmente o primeiro acordo para a paz em Moçambique.

Vitória incontestável da RENAMO. O movimento rebelde fez prevalecer o seu ponto de vista, não estando presente nas conversações o seu presidente Afonso Dhla-kama e conseguindo, entretanto, ser tratado de igual para igual. É a partir daí que os representantes da RENAMO vão dar entrada em Maputo, onde já ninguém lhes chamará «bandidos armados», pois disporão de imunidades diplomáticas, como qualquer dos outros membros da Comissão de Verificação, entre os quais se deve contar Portugal.

Além dessa vitória, outra alcançou a RENAMO em Roma: ao assinar o Acordo, manteve bem claro a sua recusa relativamente à aceitação do novo texto constitucional outorgado pela FRELIMO a Moçambique. A nova Constituição, para a RENAMO, «é nula e de nenhum efeito» em primeiro lugar, por não haver sido aprovada por uma autêntica assembleia constitucional, livremente eleita, e ser, portanto, simples emanção do partido único; em segundo lugar, por uma série de objecções, pormenorizadamente expressas em relatório do movimento rebelde, como, por exemplo, a falta de separação de poderes entre a chefia do Estado e a Assembleia da República.

Vantagens também para o Zimbabwe

Sendo assim, não se tendo a RENAMO deixado engodar pela aparente democratiza-

ção que a FRELIMO lançou em quase todos os sectores, a guerra civil parece estar longe de se considerar finda e a pode continuar por toda a parte, com excepção das duas zonas «pacificadas» por este primeiro Acordo de Roma, ou seja, os chamados «corredores» da Beira e do Limpopo, confiados à guarda de dez mil soldados do Zimbabwe e dos interesses multinacionais que eles servem.

Para o Zimbabwe foi um bom negócio: pelo menos, deixa de ter o seu Exército, bem municionado e bem treinado, sujeito às constantes derrotas que lhe infligiam os guerrilheiros da Resistência.

Explica-se, portanto, a razão de os comunicados governamentais continuarem a referir ataques da RENAMO, que nada têm a ver com o acordo assinado em Roma; o que se não explica muito bem é o optimismo um tanto ou quanto prematuro com que a maioria dos observadores, dentro e fora de Maputo, saúdam a situação criada pela nova Constituição e, simultaneamente, pela assinatura do primeiro acordo de Roma, ou acordo de Santo Egidio.

O povo quer a paz

Todavia, já melhor se explicam as manifestações de regozijo a que deram lugar, em Maputo, no mesmo dia, a entrada em vigor da nova Constituição e o anúncio do acordo. Nem a Constituição será definitiva, nem o acordo foi total. Mas ambos os factos são sintomáticos de um começo de novos tempos. E o bispo da Beira, embora não se dispensando de manifestar dúvidas quanto aos resultados das eleições que a FRELIMO promete para breve, tem certamente razão em acreditar em dias melhores. O que o povo quer, na sua grande maioria, e independentemente das bandeiras ideológicas, é o fim da corrida para o abismo, é a chegada da paz.

O prelado beirense deve estar a jogar certo ao aludir às festas do fim do ano, quando afirma: «Ao desejarmos feliz ano novo, sabemos que vai ser mesmo um ano feliz.» Depende de se não eternizar a assinatura de novos acordos e de, entretanto, a FRELIMO tomar consciência, com realismo e com sinceridade, de que já não há lugar para ela em Moçambique.

A.M.Z.